

Flavio Marques - SPFC

1981: São Paulo 2 x 0 Ponte Preta

“Serginho reverencia a torcida Tricolor”

Por Flavio Marques

Nasci em 1964. Dezembro de 1964. Tornei-me São-paulino por influência direta do meu pai, e de um tio materno que havia jogado pelos aspirantes do então Tricolor do Canindé na década de 1940.

Na escola estadual no bairro do Cambuci, tradicional reduto de imigrantes italianos na área central da capital paulista, muitas vezes fui o único torcedor do São Paulo na sala ao longo dos anos 70. Palmeirenses, Corinthianos e Santistas, estes ainda sob a sombra de Pelé, eram as maiores torcidas. A torcida Tricolor rivalizava em números com os torcedores da Associação Portuguesa de Desportos, a Lusa, clube que adquiriu em 1956 o terreno onde ficava a “Ilha da Madeira”, antigo campo de treinos do SPFC.

Meu primeiro jogo no Morumbi foi em um sábado de muito frio, em julho de 1975, aos dez anos de idade, dia em que Serginho marcou três gols e o São Paulo venceu por 3 x 1 o Comercial de Ribeirão Preto. Desde então, já assisti a mais de 800 partidas no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, e guardo muitas memórias de grandes jogos e momentos de emoção. Neste texto vou resgatar minhas memórias sobre o jogo final do Campeonato Paulista de 1981, entre São Paulo e Ponte Preta. Mas antes, um pouco de história.

O bairro do Morumbi era considerado distante, e não era servido por linhas regulares de transporte público. Ainda uma área pouco habitada e relativamente preservada, a temperatura nos arredores do estádio normalmente ficava em torno de 2 graus abaixo do registrado na “cidade”, que é como nos referíamos ao centro. Havia grandes áreas descampadas e terrenos livres onde se podia estacionar, mas já existia nos anos 1970 o problema de “flanelinhas”, ou “guardadores de carro”, que extorquiam os que se arriscavam a ir de carro ao Morumbi. A melhor opção para ir ao estádio era de ônibus, usando uma linha especial que a CMTC (Companhia Municipal de Transporte Coletivo) disponibilizava em todos os jogos.



Figura 1 - ônibus da CMTC - Operação Morumbi

Flavio Marques - SPFC

Eu saía do Cambuci no trólebus (ônibus elétrico) que tinha ponto final na Praça do Patriarca, descia a Galeria Prestes Maia, e tomava o ônibus no Vale do Anhangabaú. O ônibus seguia pela Nove de Julho e Cidade Jardim, e o percurso total levava cerca de uma hora e meia. Na volta, em jogos noturnos que começavam sempre às 21:00h, a preocupação era conseguir chegar de volta à Praça do Patriarca antes da meia noite, horário de saída do último trólebus em direção à Santa Margarida Maria, na Vila Mariana.

O ingresso era comprado nas bilheterias do estádio, na hora do jogo, o serviço era rápido e as filas corriam depressa. O “sistema” nunca caía. Eram comuns jogos com mais de 80.000 pessoas e isso não criava problema para a venda dos bilhetes. Existiam os cambistas, para aqueles mais apressados que não queriam esperar a fila. Em jogos menores, eu esperava até a última hora e comprava dos cambistas abaixo do valor da bilheteria, o que eles aceitavam para não ficar com “encalhe”.

Levava comigo sempre a bandeira que minha avó costurou, de faixas horizontais, com tecidos comprados na Tecelagem Vania, ponto histórico da Vila Prudente, bairro onde moravam os meus primos, quase todos Palestrinos. Eram permitidas bandeiras com mastros de PVC no estádio. O difícil era levar a bandeira com um mastro de tubo de uma polegada por 2 metros de comprimento no ônibus. Bandeiras, faixas, batuques, eram acessórios do torcedor comum, que vinha de diferentes cantos da cidade em grupos de amigos e parentes. Havia bandeiras gigantes clássicas como uma quadriculada tricolor, e outra que reproduzia a bandeira do Reino Unido, mas com o preto em lugar do azul, que ficavam geralmente no lado oposto de onde se alojavam a TUSP (Torcida Uniformizada do São Paulo, de Hélio Silva) e a Independente, as primeiras torcidas organizadas do Tricolor. A entrada do time em campo era saudada com o “Pó de Arroz”, uma mistura de cal com talco, pó denso que grudava no corpo e penetrava nas roupas de quem “ousasse” sentar-se na arquibancada central para assistir ao jogo. Assistir à entrada das bandeiras na torcida, e vê-las tremulando nos gols e ao fim dos jogos era parte memorável do espetáculo para quem ia aos jogos.



Figura 2 - Bandeiras na arquibancada do Morumbi

A violência já estava presente, mas os indivíduos que iam ao estádio para brigar e causar confusão eram poucos e facilmente identificáveis. E, mais importante, as brigas se limitavam a golpes com punhos, chutes, mastros. Não se ouvia falar em armas de fogo, ou bombas, nesses confrontos dos anos 80. Os “guerreiros” esperavam a saída da grande massa de torcedores, e a PM ir embora do estádio, para então começar a batalha campal. Cada clube tinha sua torcida mais “da paz” e o pessoal “da briga”. No São Paulo a Torcida Tricolor Independente sempre deu acolhida aos que gostavam das brigas. Esse fenômeno da violência no futebol atingiu níveis alarmantes a partir dos anos 90, e resultou no que se vê hoje, torcida única, sem bandeiras, empobrecendo o espetáculo.

Flavio Marques - SPFC

O bicampeonato Paulista 1970/71, seguido do Paulista 75 e do Brasileiro 1977, impulsionaram o crescimento da torcida do São Paulo pelas conquistas, mas nada se compara ao prazer de ir assistir aos jogos da “Máquina Tricolor” no início dos anos 1980. Era uma época em que, independentemente de quem fosse o adversário, na ida aos jogos apostávamos para ver de quanto o São Paulo iria ganhar. Sabíamos que haveria um bom espetáculo de futebol, sempre.

Partindo da base do campeonato Brasileiro de 1977, que terminou apenas em 1978, ficaram no time nomes como Valdir Peres, Getúlio, Dario Pereyra, Serginho e Zé Sérgio. A diretoria foi hábil nas negociações e, investindo com eficiência, reforçou o time com a chegada de atletas do nível de Renato, Oscar, Paulo Cesar e Marinho Chagas entre outros. Ao longo das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1982, o treinador da Seleção Brasileira, Telê Santana, chegou a convocar de uma vez sete jogadores do São Paulo: Valdir Peres, Getúlio, Oscar, Renato, Paulo Cesar, Serginho e Zé Sérgio. Entre os não convocados estavam Dario Pereyra, Uruguaio, e o craque Marinho Chagas, que havia disputado a Copa de 1974 como titular, e depois deixou de ser convocado por questões de indisciplina. Completavam o onze titular do São Paulo o volante Almir, sóbrio, preciso, ótimo marcador e com boa saída de jogo e o meia Heriberto, de bom futebol e muita regularidade. Esse time tinha ainda Everton, excelente atacante, e, quando Zé Sérgio sofreu seguidas contusões, ficando afastado por um longo período, a diretoria foi buscar Mario Sérgio. Foi formado o time que a imprensa denominou a “Máquina Tricolor”.

Entre 1980 e 1982 o São Paulo foi bicampeão Paulista, em 80/81, e vice em 1982, em uma época em que as torcidas valorizavam mais o Estadual do que o campeonato Brasileiro organizado pela “carioca” CBF. Sob o lema “Onde a Arena vai mal, um time no nacional”, o campeonato Brasileiro acomodava equipes de menor expressão e chegou a ter 94 participantes em 1979, o que tornava a disputa muito pouco interessante até as fases finais. O São Paulo foi ainda vice-campeão Brasileiro de 1981, perdendo uma final em que entrou com amplo favoritismo. A rivalidade local, porém, era o combustível que fazia com que o Paulista fosse o maior objetivo dos grandes de São Paulo naquele tempo.

E foi nesse cenário que São Paulo Futebol Clube e Associação Atlética Ponte Preta disputaram a histórica final do Campeonato Paulista de 1981. Numa época em que as equipes médias do interior tinham condições de manter elencos competitivos por mais tempo, a Ponte Preta se destacava pelo excelente trabalho de revelação de novos jogadores. Apenas para citar alguns nomes, Valdir Peres, Chicão e Teodoro, além de Oscar, foram alguns dos jogadores revelados na “Macaca” que fizeram sucesso no Tricolor.

O time da Ponte Preta era muito qualificado. Possuía jogadores como Carlos, goleiro titular da seleção na Copa de 1986, Juninho Fonseca, zagueiro viril que também defendeu o “escrete canarinho” e o bom lateral esquerdo Odirlei na defesa. No comando de ataque o jovem centroavante Chicão era um perigo aos adversários, e o time tinha ainda um ótimo meio de campo formado por Zé Mario, Marco Aurélio e Dicá.

Dicá merece uma citação à parte. Meia clássico, de grande habilidade e visão de jogo, excelente cobrador de faltas, o maestro da Ponte Preta, revelado pelo clube de Campinas, se aproximava do final da carreira, e ainda não havia ganho nenhum título com o time. Dicá havia enfrentado o São Paulo na decisão de 1970, defendendo a Ponte, e na final de 1975, quando cobrou, pela Portuguesa, um dos pênaltis defendidos por Valdir Peres. O time de Campinas fazia a sua terceira final de campeonato Paulista em 5 anos, e essa parecia ser a última chance de Dicá ganhar um título pela Ponte. Foi uma grande decisão, e o São Paulo foi melhor no final de dois jogos.

Como era comum nos regulamentos da época, apesar da Ponte Preta ter a melhor campanha na pontuação geral do campeonato, os dois jogos decisivos foram marcados para o Morumbi.

Flavio Marques - SPFC

O primeiro jogo da final foi em uma quarta-feira à noite (dia 25/11/1981). Quando o SPFC entrou em campo naquela noite uma longa bateria de fogos foi acionada atrás do gol de fundo do estádio, praticamente em frente ao local onde se situava a torcida visitante. Em noite de calmaria, sem ventos, a fumaça não se dissipou e, sem visão completa do campo, o árbitro adiou o início do jogo em quase dez minutos. A Ponte começou a primeira partida da decisão jogando muito melhor que o São Paulo. Criou várias chances e marcou um gol (Toninho Oliveira aos 25 minutos), virando o primeiro tempo em vantagem. No segundo tempo o Tricolor melhorou, equilibrou o jogo e empatou com Serginho, sempre ele, aos 21 minutos da etapa final. Com o empate, os dois times chegariam ao Domingo em igualdade de condições.

O Domingo da decisão, 29/11/1981, amanheceu nublado e com ameaça de chuva ao longo do dia. Como em todo jogo decisivo, saí de casa antes do meio-dia, para chegar ao estádio pelo menos três horas antes do apito inicial. Comprei meu ingresso tranquilamente, sem filas e entrei imediatamente para garantir um lugar bem no meio do campo, no primeiro degrau da arquibancada.

A arquibancada era de concreto bruto, sem acabamento, seguindo o estilo arquitetônico do “Brutalismo”, adotado por Vilanova Artigas em seu brilhante projeto para a época. Nos dias de sol esquentava muito, quando chovia forte formava cachoeiras, e o público assistia aos jogos sentado, só se levantando na entrada do time ou para comemorar os gols. Aquele que levantasse no meio da partida corria o risco de ser alvejado por copos de cerveja quente que vinham de cima. Esse era um grande incentivo para manter todos no lugar, respeitando o direito dos companheiros das fileiras de trás de ver um jogo sentado, pois para isso pagávamos ingresso. Assistir ao jogo em pé só era permitido na geral, no piso térreo, atrás dos gols, onde se pagava o equivalente a 20% do valor cobrado na arquibancada. O ingresso da geral era realmente popular, com o preço de uma meia-entrada equivalente ao valor de uma passagem de ônibus no município de São Paulo.

Na grande final o técnico do São Paulo, Chico Formiga, colocou seu time em campo de forma muito mais agressiva do que havia feito no primeiro jogo da decisão. O São Paulo dominou as ações e buscava o gol desde o princípio, sem dar chance a Dicá e seus companheiros de criar perigo ao gol defendido por Valdir Peres. Naquela tarde Renato fazia uma partida muito inspirada. Já havia criado boas jogadas, principalmente pela esquerda fazendo tabelas com Mário Sérgio, quando aos 39 minutos Getúlio cruzou da direita e Renato marcou o gol de abertura do placar, cabeceando de forma perfeita, sem chance de defesa para Carlos. O Tricolor virou à frente do placar. Meio caminho para o título estava percorrido.

E por falar em Renato, Carlos Renato Frederico, o moço que veio de Morungaba como dizia Fiori Gigliotti - o “locutor da torcida brasileira” - talvez tenha sido um dos jogadores mais subestimados que passaram pelo São Paulo Futebol Clube. Campeão Brasileiro pelo Guarani em 1978, bicampeão Paulista pelo São Paulo, chegou ao Morumbi em 1980, ficando no Tricolor até 1984, quando se transferiu para o Botafogo. De perfil mais reservado, até tímido, Renato era um meia de extrema velocidade, inteligência e visão de jogo. Tinha também uma boa capacidade de finalização – é o 19º maior artilheiro do time, tendo marcado 100 gols em 299 jogos durante sua passagem pelo SPFC. O apelido “Pé Murcho” era absolutamente indevido para o jogador que esteve com a seleção Brasileira no fantástico time de Telê Santana em 1982. Contemporâneo de outros meias habilidosos, e mais extrovertidos, como Zico, Sócrates e Falcão, era avesso a entrevistas ou participar de programas de televisão. Era uma peça essencial na “Máquina Tricolor”.

Começou o segundo tempo, e a Ponte Preta veio em busca do empate. O jogo ficou muito aberto, com oportunidades dos dois lados, embora o SPFC continuasse melhor, principalmente devido à ótima partida de Renato. A chuva castigava os jogadores e torcedores no Cícero Pompeu de Toledo. Sob uma verdadeira tempestade, Tatu sofreu um pênalti aos 34 minutos, quando foi derrubado por Odirlei dentro da área. Estava

Flavio Marques - SPFC

aberta a porta para o bicampeonato. Surpreendentemente, Getúlio bateu mal, e Carlos defendeu com facilidade. A água que caía forte do céu molhava a cabeça e prejudicava a visão dos que usam óculos, como eu, e a que escorria pelos degraus da arquibancada ensopava até os ossos dos torcedores. A Ponte Preta partia para o tudo ou nada, empurrando o Tricolor para o campo de defesa. Fiquei preocupado.

Nos aproximávamos do final do jogo quando Renato roubou a bola do defensor da Ponte Preta, avançou pela esquerda e serviu com precisão para Serginho, que arrancava pelo meio. Serginho, inteligente, dosou a velocidade para manter-se atrás do zagueiro até o instante exato em que Renato executou o passe. Poucas vezes a figura do arco e flecha descreveu tão bem uma jogada no futebol. Serginho avançou pelo centro do campo, da intermediária até a linha da grande área, em grande velocidade. Quando o goleiro Carlos veio para abafar o lance, Serginho dá um “tapa” com o pé esquerdo, levanta a bola, “chapela” Carlos e completa de sem pulo, antes que o zagueiro Juninho pudesse alcançar a bola. Golaço! 2 x 0! Aos 41 minutos do segundo tempo o São Paulo garantia o título do campeonato Paulista de 1981.



Figura 3 - Golaço de Serginho. Campeão!

Flavio Marques - SPFC

A torcida comemorava com alegria, com barulho, bandeiras, fogos, gritos, pulos, abraços, fazendo tremer o gigante de concreto. Serginho saiu comemorando em desabalada carreira, se aproximou das cadeiras inferiores, cruzou a pista de atletismo, foi até a mesa do representante da Federação Paulista de Futebol, tomou emprestado o guarda-chuva que protegia a mesa e a súmula da partida, e veio em direção à torcida, bem na minha frente, fazendo uma reverencia a cada um dos torcedores que sempre o apoiou. Mal Serginho retornou ao campo, e o jogo foi reiniciado, Dulcídio Vanderlei Boschillia apitou o fim de jogo. CAMPEÃO!!!



Figura 4 - Serginho e o guarda-chuva do representante da FPF

Serginho, Sergio Bernardino, o garoto de família humilde da zona norte de São Paulo, maior artilheiro do São Paulo, com 242 gols marcados em 399 jogos disputados pelo Tricolor, sempre teve fama de “matador”, mas nunca foi reconhecido como um atacante habilidoso. Nesse lance ele mostrou porque era o titular de Telê Santana na Seleção Brasileira.

Flavio Marques - SPFC

Essas cenas estão fixas na memória. Não há vídeo ou foto no celular que possa substituir o olhar emocionado do torcedor para descrever um lance do seu time. Nelson Rodrigues, dramaturgo clássico e torcedor fanático do Fluminense, dizia que “o videotape é burro”, sempre que a imagem fria se contrapunha à convicção do torcedor apaixonado.

Nos dias de hoje diríamos que o lance do golaço do Serginho foi “ajustado”. Assim que a bola estufasse a rede, o bandeirinha levantaria seu “instrumento”, e a equipe do VAR iria traçar as linhas na computação gráfica. O árbitro focaria no meio campo aguardando a definição do lance, pois segundo as regras não se trata de lance interpretativo. Centímetros para lá ou para cá, condicionados à uma leitura subjetiva do que seria o “momento do lançamento”, iriam decidir se o gol foi válido ou não. Nós, torcedores, aguardaríamos antes de comemorar. Mesmo que o gol fosse validado, nossa reação seria de alívio, não de alegria. Uma anulação do lance geraria revolta contra a tecnologia. Mas o SPFC seria campeão mesmo assim!

Nem todas as mudanças, no futebol e na vida, nesses quarenta anos, foram para melhor.



Figura 5 - SPFC Bicampeão Paulista 1980/81. Em pé: Valdir Peres, Getúlio, Almir, Dario Pereyra, Gassem e Marinho Chagas; Agachados: Paulo Cesar, Renato, Serginho, Heriberto e Mário Sérgio

Ficha técnica: São Paulo 2 x 0 Ponte Preta

Data: 29/11/1981

Estádio: Morumbi

Público: 63.841 pagantes

Renda: Cr\$ 21.488.900,00

Árbitro: Dulcídio Vanderlei Boschillia

Gols: Renato, aos 39' do primeiro tempo, e Serginho, aos 41' do segundo tempo

Times:

Flavio Marques - SPFC

São Paulo: Valdir Peres, Getúlio, Gassem (Nei), Dario Pereyra e Marinho Chagas; Almir, Renato e Heriberto; Paulo Cesar (Tatu), Serginho e Mário Sérgio. Técnico: Chico Formiga

Ponte Preta Carlos, Toninho Oliveira, Juninho Fonseca, Nenê e Odirlei; Zé Mário, Marco Aurélio e Dicá; Edson (Abel), Chicão (Jorge Campos) e Osvaldo. Técnico: Jair Picerni

Cartões: Amarelos: Paulo Cesar (SP) e Edson (PP). Vermelhos: não houve

Flavio Marques 15/11/2021

Este texto foi publicado originalmente como um capítulo do livro 20 VITÓRIAS INESQUECÍVEIS DO SPFC NO MORUMBI, obra organizada por César Hernandes e Rodrigo Sanfelice.

Flavio Marques é Engenheiro Mecânico pela Escola Politécnica da USP, tem especialização em Administração de Empresas e um MBA em Finanças Empresariais pela FGV. Escreve sobre temas do São Paulo Futebol Clube, especialmente os relacionados à gestão do futebol, em artigos publicados no portal Tricolornaweb e em seu website pessoal: www.flaviomarques-spfc.com

Clique aqui para ver o lance do gol e a comemoração:

https://youtube.com/clip/Ugkx94ojm1gPcfGrdjk6_k5Hotu8RKCy-fdQ